

PDS não quer o Centrão dando apoio a Sarney

O líder do PDS na Constituinte, deputado Amaral Netto (RJ), advertiu ontem o líder do PFL na Constituinte, deputado José Lourenço (BA), que não procure vincular o Centrão ao Governo José Sarney. O PDS, frisou, apóia o Centrão em seu aspecto ideológico, mas sem compromissos com o Governo.

Amaral Netto informou ao líder José Lourenço de que sua posição pessoal e de mais quatro integrantes do PDS, inclusive o presidente do partido, Jarbas Passarinho (PA), é por cinco anos, mas a maioria do partido é contra e quer eleição se gerais no próximo ano.

DIRETAS

De acordo com o pensamento dominante no PDS, os deputados Jorge Arbage (PDS-PA) e Delfim Netto (PDS-SP), apresentarão emenda constitucional, na Constituinte, estabelecendo normas para as eleições diretas. A emenda será apresentada após a definição do Regimento da Constituinte, que se encontra em votação. Ao contrário do noticiado, a emenda será assinada somente por Arbage e Delfim.

FIGUEIREDO

O ex-ministro das Minas e Energia, o ex-senador César Cals, entregou ao senador Passarinho uma carta do ex-presidente João Figueiredo pedindo seu desligamento do partido. A carta, em que Figueiredo trata Passarinho de caro amigo, tem apenas uma linha e meia. Na última segunda-feira, Passarinho ligou para Figueiredo solicitando que reexaminasse

seu posicionamento. Figueiredo retrucou que só tinha no partido dois amigos — Passarinho e o ex-senador Amaral Peixoto — e não havia porque continuar. Ele mostrou-se muito magoado com o líder do PDS na Câmara, deputado Amaral Netto, que, em entrevista, acusou-o de ter sido responsável pelo esfacelamento do partido.

Cals, que também pediu desligamento, informou que ambos deverão ingressar no Partido Social Democrático, que já tem diretórios em vários Estados. O desligamento é automático.

quem está do seu lado", disse Lourenço, lembrando que a espinha dorsal do grupo é formada por parlamentares do PFL.

— A base do Centrão é do PFL e de outros parlamentares que apóiam o Presidente, disse o deputado.

Lourenço parte do princípio de que o Ministério deve refletir o pensamento da maioria e, por isso mesmo, defende que a reforma seja feita o mais rápido possível, até mesmo por questão de governabilidade.

Esquerdas vão divididas à votação

Os pequenos partidos acusam Covas de "ter-se rendido ao Centrão"

GIVALDO BARBOSA



Covas com vice-líderes: tentando arrancar votos que o Centrão dá como certos para hoje

Líder não pretende renunciar

O senador Mário Covas não pretende renunciar à liderança do PMDB na Constituinte. Pelo contrário, afirmou ontem que não se sente desgastado e que exercitará sua liderança nos limites do posto. Ele contesta a ideia de que não lidera a maioria do partido, lembrando que se 130 votaram com o Centrão, outros 170 peemedebistas não adotaram essa postura. "E isso ainda é maioria", ressaltou.

O que ocorreu na votação do Regimento Interno, na semana passada, não foi surpresa para o Senador. Ele justifica que o mesmo já havia ocorrido, na semana anterior, quando se deu a votação da preferência, ou seja, os mesmos peemedebistas que aprovaram a preferência do substitutivo do Centrão foram os que ratificaram a vitória daquele grupo, isto é, o quadro não se alterou.

"Atuei até agora, de acordo com o meu discurso quando disputei a liderança, que é em respeito à história e ao programa do partido", afirmou Mário Covas. Para ele, a divisão por agrupamentos, quando se dualiza, coloca uma posição cômoda e absurda de direita e esquerda, como se não houvesse tonalidades.

O senador Mário Covas afirma que entrou para o PMDB, quando ele nasceu "para fazer o partido dos meus sonhos". Como o atual processo político não é mais de resistência democrática, mas de construção de uma sociedade mais justa, o Senador prevê que, ultrapassada a Constituinte, o PMDB sofrerá uma diáspora. "De que lado eu não sei; nem quais os desdobramentos", afirma.

Mesmo que a dispersão envolva sua corrente, o Senador ainda não admite sair do PMDB. Para desilusão dos integrantes do MUP que querem vê-lo no novo partido que poderá ser formado a partir do agrupamento de peemedebistas mais à esquerda, o deputado Nilton Friedrich não esconde sua intenção

de trazer Covas para o novo partido porque "seria importante agregar o que há de bom no PMDB". Se a sua liderança, esteve ou não arranhada, como muitos pregam, isso parece não incomodar muito Mário Covas. "Para isso não há resposta", diz. Também não se altera com as críticas feitas através da imprensa "por serem úteis, enquanto os elogios nos amolecem". "Eu briguei muitos anos para a imprensa falar o que quer", justifica, ao declarar que não está magoado com os jornalistas.

Para o deputado Amaral Netto, tudo é como um jogo de futebol, ou se ganha ou se perde. A perda é reconhecida também, pelo MUP, através do deputado Nilton Friedrich. Mas justifica que, em todas as situações, Covas "entrou com bola dividida" e ganhou a maioria das batalhas inclusive a dos quatro anos para o mandato de Sarney, após uma ausência de quase dois meses — por ocasião do enfarte que sofreu. Para Nilton, a batalha do regimento foi apenas bola dividida que não deu certo.

DESGASTE

A simples hipótese da candidatura de Mário Covas à Presidência está incomodando, não só o Palácio do Planalto como também alguns partidos que já possuem seus virtuais candidatos à sucessão do presidente José Sarney. Esta avaliação é feita não só pelo MUP (Movimento de Unidade Progressista, que reúne a ala esquerda do PMDB) como por parlamentares ligados ao senador e por seus assessores. Mas as posições são claras — enquanto muitos acreditam que Covas não mais lidera a maioria, outros saem em sua defesa afirmando que ele mais do que nunca, firmou sua liderança à frente do verdadeiro PMDB.

Para um dos vice-líderes do Senador, o deputado An-

tônio Brito (PMDB/RS), a campanha de se fez era extremamente previsível porque Covas tornou-se um alvo inevitável. "Ele vem sendo culpado até pelo fato de ter sofrido um enfarte, e não ter negociado, quando foi um dos que mais articulou. Alguns chamam-no de radical, quando qualquer pessoa seria sabe que se trata, por posição e temperamento, de um homem de conversação". Brito afirma que a posição de Covas é a da maioria e corresponde à totalidade verdadeiramente peemedebista.

"É curioso observar que 80 por cento dos peemedebistas do Centrão foram da Arena, do PDS ou apenas chegaram à política e ao PMDB, na véspera da Constituinte", ressaltou Brito. Para ele, a votação de hoje apresenta um episódio cômico porque, na semana passada, por um confronto, os centristas venceram aprovando o seu substitutivo e agora, o mesmo grupo é obrigado a rejeitar o seu texto em substituição ao da Mesa. "Quem defendia a proposta da Mesa?", pergunta o Deputado, lembrando que era o próprio grupo de Covas. "Nós, os ditos derrotados, estamos defendendo a mesma posição desde o início e os vitoriosos têm que colocar fora o texto da sua vitória por ser incorreto e impraticável", argumenta Antônio Brito ao lançar o desafio: "Quem armou o confronto? Quem é radical?"

A resposta que os defensores de Covas dão aos que criticam a sua liderança, é o trabalho que o Senador vem desenvolvendo e que será ampliado nos próximos dias. Exemplo disso, foram as negociações, retomadas pelo líder, no último final de semana, através de contatos com vários parlamentares a respeito da votação do substitutivo da Mesa do Regimento Interno. E hoje, o Senador inicia uma série de negociações em torno das questões temáticas a serem discutidas pelo Plenário da Constituinte.

Esforço pode ter mudado até 20 votos

Até o início da noite de ontem, o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, tinha conseguido reverter a posição de vinte peemedebistas de diferentes estados que votaram com o Centrão na semana passada. Desses parlamentares, ele obteve o compromisso de apoiar, na sessão de hoje, emenda segundo a qual a aprovação das preferências inscritas por 280 constituintes não será mais automática, como pretendem os centristas, mas dependerá de votação.

Os peemedebistas que prometeram seguir a posição da liderança ainda não são suficientes para garantir a vitória sobre o Centrão. Ontem à noite, contudo, o senador Covas prosseguiu seus contatos com o objetivo de ganhar novas adesões. O resultado das conversas de ontem foi considerado "altamente promissor" por um parlamentar ligado à liderança, tendo em vista a proporção de pessoas contactadas: a relação é de vinte adesões para sessenta constituintes alcançados pela argumentação do líder do PMDB, o que significa que mais de um terço dos que votaram com o Centrão reviu sua posição.

"Se as coisas prosseguirem neste ritmo, derrubaremos facilmente a preferência automática através de assinaturas, como prevê o substitutivo", afirmou um dos vice-líderes de Mário Covas. Ele informou que os outros setenta peemedebistas que permaneceram no plenário na semana passada, contra a orientação da liderança do PMDB, e que ainda não foram localizados por Covas, receberão telefonemas até o início da votação, previsto para as 15h30.

Projeto não altera tanto

O senador Mário Covas apareceu no final da tarde de ontem, no Comitê de Imprensa e conversou descontraidamente com os jornalistas sobre o assunto do dia: o projeto de Regimento Interno da Mesa, elaborado a partir da proposta de substitutivo do Centrão. Em casa, os jornalistas brincaram com o líder do PMDB, perguntando-lhe se o novo projeto não estaria tão "centrista" quanto o do Centrão ou se não representaria a tese de "o menos pior".

O senador, sorrindo muito, explicou que "há uma maioria do outro lado" e que portanto o projeto da Mesa incorpora uma série de propostas do Centrão — "nem poderia deixar de fazê-lo". No entanto, ele garante que alguns pontos — "absolutamente inaceitáveis e até tecnicamente inaplicáveis" — caíram, ficando somente as ideias básicas do Centrão.

Dentre os pontos "absolutamente inaceitáveis" que caíram ele classificou os que autorizavam a apresentação de emendas no primeiro e segundo turnos; a apresentação de emendas até o instante da votação; o paracer em plenário, e, principalmente, o ponto em que se colocava a votação de uma emenda antes de se votar o todo. "Bem, eu preferia que não pudesse apresentar nem emenda substitutiva, mas eu tenho que reconhecer que se eles quiserem poderão aprovar. Então, o que eu defendo? Que neste capítulo, tenha 280 assinaturas, mas sem criar a preferência automática. A preferência terá que ser votada".

Covas lamentou a situação que diz ter sido criada pelo Centrão, lembrando que o PMDB chegou à Constituinte com 304 parlamentares e, se trouxesse uma Constituição feita e fosse permitido apresentar emendas substitutivas, o partido apresentaria, aprovaria e acabaria com a Constituinte, sem a participação dos demais setores.

Na semana passada, o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, aliou-se aos membros dos pequenos partidos de esquerda para tentar barrar as Investidas do Centrão. Não conseguiu e terminou sendo criticado por colegas de bancada por ter preferido "seguir as teses do PT", como reclamavam ao final da votação alguns peemedebistas. Hoje, às 15h30, quando o plenário da Constituinte reunir-se para debater o substitutivo da Mesa, vai encontrar as esquerdas divididas: enquanto Covas preferiu fixar-se em uma emenda que suprime apenas duas palavras do texto, os pequenos partidos apresentaram um substitutivo integral e mais dezenas de emendas. E ainda prometem obstruir indefinidamente os trabalhos.

Nem por isso a votação está perdida. Além dos 170 peemedebista, que conseguiram atrair para fora do plenário na semana passada, numa tentativa fracassada de negar quorum para deliberação, o senador Mário Covas julgava ter conseguido ontem importantes adesões, em torno de 20. Durante todo o dia, ele esteve fechado em seu gabinete disparando telefones para todos os parlamentares, principalmente o pessoal do Centrão. No final, segundo garantiu um de seus vice-líderes, havia convencido muita gente a apoiar as suas emendas. Além disso, na liderança do PMDB na Constituinte, havia a convicção de que o Centrão não conseguiria trazer a Brasília o mesmo quorum que garantiu sua primeira vitória.

Embora o petista José Genoino o acuse de ter-se "rendido ao Centrão", o líder peemedebista manteve, através de sua emenda, a principal restrição que opôs ao projeto centrista. Pela proposta, a aprovação de requerimento de preferência inscrito por mais de 280 constituintes não será mais automática (como deseja o Centrão), mas dependerá de votação. O argumento, repetido dezenas de vezes ontem por Mário Covas, é de que "assinatura não substitui voto". Segundo o deputado Robson Marinho, esta tese teria encontrado "boa receptividade" entre parlamentares que apoiaram o projeto centrista na semana passada.

Ao justificar a sua posição, o líder do partido majoritário reafirmou as acusações de que esteja sendo intransigente, que a seu ver mais se aplicam ao Centrão. Segundo ele, os centristas só fizeram questão de honra da aprovação de preferência através de assinaturas porque sabiam ser este um ponto inaceitável pelo próprio senador. "Se eles têm maioria para aprovar o destaque, podem muito bem votar a preferência. O problema é que há muita gente interessada em me apontar como intransigente e irredutível, o que não é verdade. Coerência é virtude, não é defeito".

Mesmo que sua emenda seja derrotada hoje, Covas afirmou que está "absolutamente tranqüilo" porque

duvida que a maioria já demonstrada pelo Centrão se reproduza durante a votação do mérito do projeto constitucional. Ai, ele está certo de que o grupo se desune e de que só através do diálogo a Constituinte aprovará modificações no texto produzido pela Sistematização. "Existem muitos centristas favoráveis à jornada de 44 horas de trabalho e à estabilidade no emprego", garantiu.

PEQUENOS PARTIDOS

Parlamentares dos pequenos partidos de esquerda concordam com o líder peemedebista no sentido de que a maioria do Centrão é eventual. O consenso, porém, pára por aí. Ao contrário de quarta-feira passada, quando definiram uma estratégia comum de atuação contra os interesses centristas, Covas e as legendas nanicas desempenharão papéis diferentes na sessão de hoje.

Juntos, o PDT, PT, PCs e PSB apresentaram um substitutivo integral ao projeto da Mesa porque consideram a proposta "antidemocrática", segundo os deputados Brandão Monteiro (PDT), José Genoino (PT) e Haroldo Lima (PC do B). A questão das assinaturas, considerada fundamental para a liderança do PMDB, para os nanicos tem importância secundária porque os impedirá, da mesma forma, de participar mais ativamente da Constituinte.

Exatamente por isso, os substitutivos dos pequenos, centra-se em outros pontos: aumenta o número de emendas por constituinte; elimina a possibilidade de emendas por títulos ou capítulos; permite destaques em separado, com o apelo de 56 parlamentares; e dá a cada partido, independentemente do tamanho de sua bancada, direito a pelo menos um pedido de preferência.

Além disso, de acordo com o vice-líder petista José Genoino, as esquerdas também podem obstruir os trabalhos da Constituinte para verem suas teses vitoriosas. "Apresentamos dezenas de emendas e pretendemos pedir votação para todas elas. Isso vai demorar bastante e obrigará os conservadores a negociação".

Genoino aproveitou para acusar o senador Mário Covas de ter capitulado diante do Centrão. O líder do PMDB, contudo, foi defendido pelo deputado Brandão Monteiro, segundo o qual "Covas está defendendo os interesses do partido dele, o que é perfeitamente natural. O problema é que os nossos interesses são outros: a bancada dele é grande, a nossa não".

Entre os dois fogos, os integrantes do MUP (dissidência do PMDB) estão em situação peculiar: são unilateralmente ligados a Mário Covas, mas sempre alinharam-se aos partidos de esquerda da Constituinte. Embora o petista Brandão Monteiro afirme que vários de seus integrantes já apóiam o substitutivo dos nanicos, o mupista Jorge Hage disse que só hoje pela manhã o grupo decide, em reunião, a posição que irá adotar.

Senador explica o atrito com Robertão

O líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas, disse, que foram incompletas as notícias publicadas em vários jornais, na semana passada, sobre seu incidente com o deputado paulista Roberto Cardoso Alves, na reunião da comissão executiva nacional do partido. Disse que pretendia se retirar da reunião depois que Cardoso Alves lhe disse: "Não quero falar com você".

Os dois representantes de São Paulo divergiram no exame do processo de expulsão da deputada estadual Rute Escobar e dos vereadores Almir Guimarães, Jamil Achoa e André Figueira. Covas reclamou do fato de os processos estarem desde outubro na direção nacional e só agora foi convocado o diretório nacional para decidir — dia 15 próximo. Se não houver quorum o recurso dos punidos pelo diretório regional será considerado provido, pois no dia 17 terminará o prazo de deliberação.

Covas reclamou da demora, afirmando que terá péssima repercussão no PMDB de São Paulo a anulação das expulsões por de-

curso de prazo, sem a votação. O senador, inclusive, pretende votar contra a expulsão da deputada Rute Escobar, na reunião do diretório nacional, dia 15 — se houver quorum.

Na executiva, Cardoso Alves acusou os setores de "esquerda radical" de patrocinar as expulsões, afirmando os esquerdistas "estão tomando conta de tudo e estão em toda a parte do PMDB". Covas reagiu e pediu esclarecimentos: "Não quero falar com você" — disse-lhe Cardoso Alves. "Os senhores estão ouvindo hoje o democrata de ontem" — comentou Covas.

Como participava da reunião como "convitado especial", o senador sentiu-se indesejável, depois da palavra de um membro eleito da direção do partido. Quis se retirar, mas foi impedido por Ulysses Guimarães, Mauro Benevides, Milton Reis, Geraldo Fleming, Fernando Cunha e outros. Depois do incidente, Mário Covas comunicou que não mais comparecerá às reuniões da comissão executiva nacional do PMDB.

ANÚNCIO FONADO 223-2323